

No Círio de Nazaré, as filhas da Chiquita também fazem a festa: resistência, conflitos e reinvenção de uma urbe amazônica

During the Círio de Nazaré, the daughters of Chiquita throw their party too: resistance, conflict and reinvention in an Amazonian city

Phillippe Sendas de Paula Fernandes

Programa de Capacitação Institucional, Museu Paraense Emílio Goeldi, Coordenação de Comunicação e Extensão. Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Email: psendas7@hotmail.com

Netília Silva dos Anjos Seixas

Professora associada da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará. Pós-doutoranda em Comunicação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (bolsista CAPES). Doutora e Mestre em Letras (Linguística) pela Universidade Federal de Pernambuco. Graduada em Comunicação Social-Jornalismo (UFPA). Líder do grupo de pesquisa Comunicação, Linguagens, Discursos e Memórias na Amazônia (UFPA-CNPq) e coordenadora do projeto História da Imprensa no Pará: do impresso à internet (apoiado pelo CNPq-edital Universal 2016).

Email: netiliaseixas@gmail.com

Submetido em: 09/09/2017

Aceito em: 14/01/2018

RESUMO

Realizado desde 1793, em Belém (PA), o Círio de Nazaré é uma das maiores festas religiosas do mundo. Nos anos 1970, os frequentadores do Bar do Parque, símbolo da boêmia paraense na época, inspiraram-se no movimento que lutava pelos direitos dos homossexuais nos anos 60 e criaram o que hoje é conhecida como a Festa da Chiquita, elemento profano mais polêmico do Círio. Voltada para o público LGBT, a festa já passou por vários conflitos, incluindo a tentativa constante de desvinculá-la do evento religioso. Buscamos refletir sobre a relação dessa manifestação cultural com a cidade de Belém, levando em conta sua capacidade de transformá-la e de produzir novas experiências sensíveis. Nossa estrutura teórica baseia-se em Maffesoli (2009), com a noção da vida cotidiana como obra de arte e sua capacidade de agregação; La

Rocca (2015), sobre a construção de uma poética capaz de (re)desenhar os ambientes urbanos; e a ideia de Harvey (2014) sobre o direito à cidade, principalmente para as pessoas oprimidas.

Palavras-chave: Cidade; Conflitos; Estética; Festa da Chiquita; Círio de Nazaré.

ABSTRACT

Realized since 1793 in Belém, Pará, the Círio de Nazaré is one of the largest religious festivals in the world. In the 1970s, people from the Bar do Parque, symbol of Pará bohemia at the time, were inspired by the movement that fought for the rights of homosexuals in the 60s, and created what is now known as the Festa da Chiquita, the most profane element of the Círio. Aimed at the LGBT audience, the party has gone through several conflicts, including the constant attempt to untie it from the religious event. We seek to reflect on the relationship of this cultural manifestation with the city of Belém, taking into account its capacity to transform it and produce new sensitive experiences. Our theoretical structure is based on Maffesoli (2009), with the notion of daily life as a work of art and its aggregation capacity; La Rocca (2015), on the construction of a poetics capable of designing urban environments; and Harvey's (2014) idea of the right to the city, especially for the oppressed.

Keywords: City; Conflicts; Esthetics; Festa da Chiquita; Círio de Nazaré.

RESUMEN

Realizado desde 1793, en Belém, Pará, el Círio de Nazaré es una de las mayores fiestas religiosas del mundo. En los años 70, los frequentadores del Bar del Parque, símbolo de la bohemia paraense en la época, se inspiraron en el movimiento que luchaba por los derechos de los homosexuales y crearon la Festa da Chiquita, elemento profano más polémico del Círio. Volviendo al público LGBT, la fiesta ya ha pasado por varios conflictos con el intento de desvincularla del evento religioso. El objetivo es reflexionar sobre la relación de esa manifestación cultural con la ciudad de Belém, teniendo en cuenta su capacidad de transformarla y producir nuevas experiencias sensibles. La estructura de la teoría se basa en Maffesoli (2009), con la noción de la vida cotidiana como obra de arte y su capacidad de agregación; La Rocca (2015), sobre la construcción de una poética capaz de (re)diseñar los ambientes urbanos; y la idea de Harvey (2014) sobre el derecho a la ciudad principalmente para las personas oprimidas.

Palabras-clave: Ciudad; Conflictos; Estética; Festa da Chiquita; Círio de Nazaré.

Outubro em Belém, um mosaico de fé

O menino Alfredo se dizia “miúdo” em meio à grande procissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, na Belém do início do século XX. A história do personagem, vindo do Marajó, se confunde com a própria história do escritor que o criou: o romancista Dalcídio

Jurandir (1909-1979), autor de *Belém do Grão-Pará*. Na cidade decadente e melancólica,¹ depois dos anos áureos do ciclo da borracha,² o fervor religioso, a devoção à santa, as alegorias da procissão representando milagres faziam da festa da fé um carnaval devoto: “Na manhã do Círio, à janela, viu aquela massa meio infrene, numa espécie de carnaval devoto, tirando a santa do seu bom sono na Sé [Catedral de Belém], trazendo-a na berlinda, como num carro de terça-feira gorda [...]” (Jurandir, 2006, p. 488).

Para Isidoro Alves (1980), a Festa de Nazaré e o Carnaval possuem semelhanças, das quais se destacam a movimentação da massa, o clima festivo e o curto período de inversão da ordem social.³ No entanto, diferentemente do Carnaval, a festa religiosa tem um motivo devocional, que impõe um rigor no cumprimento dos rituais litúrgicos do Círio de Nazaré, mas não impede que sagrado e profano caminhem juntos na manifestação.

[...] Ou seja, a um só tempo estão operando a devoção, a ordem consagrada, própria do rito sacral, e a informalidade, a descontração, a alegria da festa. O sagrado e o profano, assim, longe de serem opostos absolutos, constituem-se categorias que operam simultaneamente. A Festa de Nazaré é, a um só tempo, um conjunto de atos litúrgicos que celebram um santo padroeiro e também de atos de encontro, de solidariedade, de neutralização de diferenças (Alves, I., 1980, p. 25-6).

O episódio que marca o início da devoção à Virgem de Nazaré, em Belém, data de 1700, quando uma pequena imagem da santa foi encontrada às margens de um igarapé por Plácido José de Souza, que decidiu levá-la para casa. O relato ganha tons de narrativa fantástica quando a imagem desaparece e é novamente encontrada no mesmo local do achado. O fato misterioso despertou um ímpeto devocional e a casa de Plácido rapidamente se tornou um lugar de peregrinação. Duvidando da história de que a imagem de Nossa Senhora de Nazaré sempre

¹ Sobre a relação da cidade com o fim da produção da borracha, que passa a viver um longo período de decadência marcado pela nostalgia, ver Fábio Castro (2010).

² Maria de Nazaré Sarges (2000, p. 16) localiza o *boom* da borracha entre os anos de 1870 e 1910. Foi um período marcado pela intensa modernização de Belém, que era o principal ponto de escoamento do látex para o mercado externo. Esse processo não foi exclusivo da capital do Pará, mas acompanhou uma tendência mundial na época, e outras cidades da Amazônia também viveram sua *Belle-Époque*, destacando-se a vizinha Manaus (AM).

³ A reflexão de Mikhail Bakhtin (2003, p. 7-8) sobre a cultura popular na Idade Média traz aspectos que podem ser identificados na folia carnavalesca contemporânea, principalmente no que diz respeito à inversão da ordem: “[...] O carnaval possui um caráter universal, é um estado peculiar do mundo: o seu renascimento e a sua renovação, dos quais participa cada indivíduo. Essa é a própria essência do carnaval, e os que participam dos festejos sentem-no intensamente. [...] O carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso. É a sua *vida festiva*”.

voltava para o lugar onde fora encontrada, as autoridades da época resolveram conduzi-la à capela do Palácio do Governo, de modo que ficasse resguardada. Conta-se que nem isso impediu a fuga da imagem para a beira do Igarapé Murutucu.⁴ Convencido de que era ali o local que lhe agradava, Plácido decidiu construir uma ermida para abrigar a pequena santa, no mesmo lugar onde hoje está a Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré⁵ (Rocque, 1981).

Entre o achado da imagem da santa e a primeira procissão oficial do Círio de Nazaré, passaram-se 93 anos: a primeira romaria autorizada pela Igreja foi realizada no dia 8 de setembro de 1793. Na época, o então presidente da Província do Pará, Francisco de Souza Coutinho, fez a promessa de conduzir a imagem do Palácio do Governo até a pequena capela, caso fosse curado de uma doença. Com a saúde do presidente da província restabelecida, a imagem de Nossa Senhora de Nazaré seguiu no colo do capelão do Palácio do Governo, transportada num carro de bois e acompanhada por dez mil pessoas: realizara-se o primeiro Círio de Nossa Senhora de Nazaré, num trajeto diferente do atual (Iphan, 2006, p. 84-6).

⁴ Além do mistério envolvendo o achado da imagem, outros episódios aumentaram a devoção à santa ainda no século XVIII: três grandes epidemias de varíola, bexiga e sarampo atingiram a capital da Província do Pará, entre 1728 e 1749. A precariedade de assistência médica e o grande número de mortos levou a população a se concentrar nas imediações do local que abrigava a imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Com ladainhas e novenas, as pessoas dirigiam à santa seus pedidos pelo fim das epidemias na cidade (Rocque, 1981, p. 32).

⁵ Apesar de Plácido ter se dedicado à construção de um lugar respeitável para abrigar a pequena estátua desde o início do século XVIII, a inauguração da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré só ocorreu em 1920. Houve também uma preocupação com as condições de preservação da imagem: desde 1966, o Círio é realizado com a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré, uma réplica daquela encontrada em 1700, mas com características identificadas na mulher amazônica. A imagem original não se desloca mais em procissões e fica resguardada no altar mor da Basílica de Nazaré (Maués, 2009).



Figura 1: Duas imagens, a mesma santa: à esquerda, a imagem original de Nossa Senhora de Nazaré encontrada em 1700 por Plácido de Souza, hoje protegida na Basílica Santuário de Nazaré; à direita, a imagem peregrina que, desde 1966, é conduzida nas procissões do Círio de Nazaré.

Fonte: Fotografias de Leandro Marino e Rui Santos.

O objeto deste artigo é um dos elementos profanos desse evento religioso, certamente o mais polêmico deles, realizado há mais de três décadas: a Festa das Filhas da Chiquita. Buscamos refletir sobre a relação dessa manifestação cultural específica, um pequeno fragmento desse grande mosaico, com a cidade de Belém e sua capacidade de transformá-la e produzir novas experiências sensíveis. A fundamentação teórica tem como base as reflexões de Michel Maffesoli (2009) no que diz respeito à vida cotidiana como obra de arte e sua capacidade de agregação; Fábio La Rocca (2015), que nos fala sobre a construção de uma poética capaz de (re)desenhar os ambientes urbanos; e na ideia de David Harvey (2014) sobre o direito à cidade, principalmente para as pessoas oprimidas. Em meio às tantas homenagens e aos milhares de devotos de Nossa Senhora de Nazaré, as filhas da Chiquita também são filhas de Maria? Há quem diga que sim. Há quem diga, ou melhor, brade, que não.

Dias de sacrifício, dias de festa: a corda e o arraial de Nazaré

Com a primeira procissão oficial do Círio de Nazaré, o então governador Francisco de Souza Coutinho também ordenou a realização de uma feira de produtos regionais, convocando a participação de pessoas que moravam no interior do estado. Era o começo do arraial de Nazaré:

[...] quando, em 1793, o governador Francisco de Souza Coutinho criou o Círio de Nazaré, criou também, no arraial, uma feira de produtos regionais da lavoura e da indústria. Para isso, mandou circular para todas as vilas, inclusive oferecendo estímulos. Cada vila tinha de contribuir para a aludida exposição; para tanto, ofertava condução gratuita para um determinado número de pessoas: oito ou dez passageiros nos centros maiores, quatro ou seis nos menores. Mais: as índias casadas viriam com os seus maridos e as solteiras com os pais (Rocque, 1981, p. 13).

De feira de produtos regionais a lugar de jogos de azar, de aglomeração de populares e da alta sociedade, o arraial de Nazaré chegou a ser um momento de grande efervescência cultural no Pará. Em meados do século XX, várias celebridades do rádio e do teatro vinham a Belém durante a Festa de Nazaré. O responsável por esse momento importante foi o paraense Félix Rocque,⁶ cuja morte, em 1959, encerrou uma das fases mais importantes do arraial de Nazaré (Rocque, 1981, p. 144-7). Nos dias atuais, a movimentação não é mais tão intensa, e cada vez mais a Diretoria da Festa de Nazaré busca adequar o arraial ao caráter religioso da festa, evitando, por exemplo, a venda de bebidas alcoólicas. As medidas, muitas vezes criticadas pela sociedade por descaracterizarem um importante elemento do Círio, tentam agregar a família e evitar excessos. Entretanto, sagrado e profano caminham juntos e fazem do Círio de Nossa Senhora de Nazaré uma manifestação religiosa e cultural diversa, aspecto que, para Silvio Lima Figueiredo (2005, p. 28), garante a continuidade do evento religioso, que se sustenta num tripé: religiosidade, festa/efervescência e polissemia. As manifestações que integram o Círio de Nazaré, como um todo, sejam profanas e/ou sagradas, vão possuir

⁶ Atribui-se à Félix Rocque a montagem de grandes teatros erguidos exclusivamente para o arraial de Nazaré. Desde sua morte, não se registra mais o envolvimento de companhias de teatro na programação do arraial. Até o fim da década de 1950, muitas celebridades participaram da Festa de Nazaré. Entre elas, destacam-se: Ângela Maria, Dercy Gonçalves, Emilinha Borba, Elizeth Cardoso, Orlando Silva e Vicente Celestino (Rocque, 1981; Fernandes, 2013).

significados diferentes para os diversos segmentos que participam da festa, e por isso atraem tantas pessoas.



Figura 2: Procissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré realizada em Belém, no segundo domingo de outubro de 2011.

Fonte: Fotografia de Mayara Maciel.

O Círio de Nazaré contemporâneo é maciçamente abordado nos meios de comunicação locais, e também alcança uma cobertura mais discreta entre os veículos nacionais. Além da

multidão que impressiona, o Círio é formado por vários eventos que possuem uma certa singularidade, chamando a atenção de quem se propõe a registrar a festa. Uma das abordagens mais frequentes é o registro dos romeiros que pagam promessa na corda. Um dos símbolos mais fortes do Círio de Nazaré, a corda foi utilizada pela primeira vez na procissão de 1855 para retirar de um atoleiro a berlinda – carruagem que conduz a imagem de Nossa Senhora. A corda, como parte da procissão e principal meio de pagar penitência, só seria incorporada à romaria em 1868 pela instituição que organizava o Círio (Iphan, 2006, p. 87).

Segundo Regina Alves (2002), em 1926, o Arcebispo do Pará, Dom Irineu Joffily, implementou algumas mudanças no Círio de Nazaré, tentando adequar a festa religiosa às normas da Sagrada Congregação dos Ritos. Entre as medidas, estavam a substituição da berlinda por um andor, o fim da ala das pessoas vestidas de marujos e a retirada da corda. A polêmica estava instalada: de um lado, os que buscavam tornar a procissão mais “civilizada”; do outro, os que defendiam a tradição da festa. A questão só foi resolvida com a ação do novo governador do estado, Magalhães Barata. A berlinda e a corda voltaram, mas os marujos não integraram mais a procissão (Alves, R., 2002, p. 47-8). Haroldo Maranhão (1987), no seu romance sobre os conflitos sociopolíticos de Belém em meados do século XX, retrata a corda como um lugar em que se reuniam devotos dos mais diferentes perfis:

[...] A *corda* era um suado cinturão que separava o céu do inferno, no céu librando os filhos da mãe santíssima. No inferno os simples, que escalavravam os pés, as mulheres, sujeitando-se às dedadas de bolinadores, disputando todos no empurrão, no pisão, o milagre de chegarem vivos à Basílica. A *corda* era engrossada de caboclos que vinham de longe, de mulheres da zona, de lunfas, de proxenetas, de madames, cujo ponto em comum era o irem descalços e aos trambolhões (Maranhão, 1987, p. 265, grifos do autor).

Atualmente, o Círio de Nazaré é formado por 12 romarias oficiais, sem contar as procissões que não são organizadas pela Arquidiocese de Belém. Em 2017, segundo a Diretoria da Festa de Nazaré e o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos do Pará (Dieese/PA), foram cerca de 40 horas de procissões conduzindo a imagem da santa em 134 quilômetros. Só a romaria do segundo domingo de outubro, com público estimado em dois milhões de pessoas, durou cinco horas e percorreu 3,6 quilômetros.

O profano e a polêmica: a homenagem das Filhas da Chiquita

Na Praça da República, no centro de Belém, está o Bar do Parque,⁷ bem ao lado do Theatro da Paz, ambas construções do século XIX que também se ergueram com o protagonismo econômico da Amazônia durante o período da borracha. No começo dos anos 1970, inspirados no movimento iniciado na década anterior que defendia os direitos dos homossexuais na Europa e nos EUA, os frequentadores do Bar do Parque (intelectuais, jornalistas, prostitutas, homossexuais, entre outros boêmios) resolveram colocar na rua um pequeno bloco de carnaval, brincando com uma campanha da Prefeitura de Belém para a quadra junina: a frase oficial “Santo Antônio Casamenteiro no ano todo!” virou “Santo Antônio Casamenteiro no ânus tudo!”. Era o início de um movimento que se transformaria naquilo que hoje é conhecido como a Festa da Chiquita (Brasil, 2006).

Realizada no segundo sábado de outubro, a Trasladação é a segunda mais importante procissão que integra o Círio de Nazaré, marcada, principalmente, pela participação de jovens e também por ser realizada durante a noite, com o percurso em sentido inverso ao da principal romaria, no domingo pela manhã. A Festa da Chiquita ocorre exatamente no meio do percurso da procissão, com palco localizado nas imediações do Bar do Parque. Segundo Milton Ribeiro (2014, p. 209), a Festa da Chiquita é uma manifestação cultural e política criada, elaborada e direcionada ao público LGBT: “esta festa dentro da festa pode ser entendida como fruto de reivindicação e afirmação política de sujeitos homoeróticos que tomam a Praça da República [...]”. Num gesto de respeito à padroeira, a Festa da Chiquita só começa quando a berlinda que

⁷ Depois de dois anos fechado para reformas, o Bar do Parque foi reaberto em 11 de agosto de 2018, completamente revitalizado e sob nova administração. A reinauguração do espaço gerou debate nas redes sociais, levantando algumas questões, como gentrificação e direito à cidade. Em 2017, a Prefeitura de Belém divulgou nota após ser questionada sobre a licitação que definiria os novos administradores do espaço. Um dos trechos da nota explica o que se tentava resgatar com a reforma: “[...] o Bar do Parque vai continuar sendo um bar, com todas as opções sempre oferecidas, mas que passará a conviver em harmonia com a nova Praça da República, uma área democrática e nobre da cidade, para que todos possam usufruir do ambiente. [...] O modelo de gestão que estava sendo feito no Bar do Parque não contribuía para a revitalização da área e o novo modelo, muito comum na Europa, traz uma vitalidade maior para o local resgatando a originalidade do próprio Bar do Parque, tradicionalmente muito bem frequentado, resgatando um ambiente voltado para a coletividade e não apenas para um pequeno grupo, alinhado como o novo projeto da Praça que traz também uma revitalização conceitual”. Vieira e Sobral (2017) identificam na gestão da Prefeitura de Belém, que conduziu esse processo de “revitalização conceitual” da Praça da República, elementos de colonialidade ao tentar valorizar essencialmente o que é identificado como europeu.

conduz a imagem de Nossa Senhora de Nazaré passa pelo Bar do Parque. Só a partir de então, os devotos-brincantes fazem a mais polêmica e irreverente das homenagens do Círio.



Figura 3: O cantor e ativista cultural Elói Iglesias conduz a Festa da Chiquita tão logo a berlinda com a imagem de Nossa Senhora de Nazaré passa. Ao fundo, os devotos-brincantes no entorno do Bar do Parque. Na manhã do dia seguinte, muitos estarão nas ruas pagando suas promessas na principal romaria.

Fonte: Fotografia de Thiago Araújo / Jornal *Diário do Pará*.

Durante a Festa da Chiquita, diversos grupos folclóricos e bandas de ritmos do Pará se apresentam. Além disso, também são realizados concursos de *performances* que mobilizam *drag queens*, transexuais e travestis. Outra tradição é a entrega dos prêmios Veado de Ouro, Botina de Prata e Rainha do Círio. Em 2017, a novelista Gloria Perez foi uma das premiadas. O reconhecimento veio por conta da novela *A Força do Querer*, da Rede Globo de Televisão, que abordou o tema da transexualidade com a história da personagem Ivana, interpretada pela atriz Carol Duarte.

Isidoro Alves (1980) fala sobre os atos de encontro, solidariedade e neutralização de diferenças que caracteriza a Festa de Nazaré. Partindo dessa ideia, pode-se mencionar a grande movimentação de grupos artístico-culturais de Belém, voltados para esse momento de celebração. Entre os elementos profanos que compõem o Círio de Nazaré, a Festa da Chiquita se destaca tanto pela capacidade de atrair um grande público, quanto pela resistência em

continuar, ao longo do tempo, no mesmo lugar e com o mesmo propósito, apesar dos conflitos que se travam até hoje na tentativa de suprimi-la e de desvinculá-la da manifestação religiosa.

Outros movimentos mais recentes também fortalecem o lado profano da festa: Círio do Metal, voltado para os fãs do *heavy metal*; Círial, em que o *rap* e o *reggae* dão o tom das homenagens; Auto do Círio,⁸ arte-romaria organizada por artistas profissionais e amadores que resulta num espetáculo de teatro apresentado nas ruas do centro histórico de Belém; e o Arrastão do Círio,⁹ realizado pelo Instituto Arraial do Pavulagem, que busca valorizar a música regional por meio de um grande cortejo. Todos esses eventos não integram o calendário oficial planejado pela Diretoria da Festa de Nazaré, o que Ribeiro (2014) destaca como uma tentativa de mantê-los na invisibilidade, sobretudo os mais populares, ou seja, a Festa da Chiquita e o Auto do Círio.

[...] As representações tanto do Auto do Círio quanto da Festa da Chiquita resvalam na categorização de suas estéticas, que brincam com o grotesco, com o deboche, como sendo absurdas para o contexto e os eventos encapsulados nas festividades nazarenas. Para isso ser resolvido é preciso, então, descartá-las, eliminá-las, excluí-las do calendário oficial, da rua, da praça e da cidade (Ribeiro, 2014, p. 195).

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré foi reconhecido Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO em 2013. Anos antes, em 2004, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) registrou a festividade como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Brasil. Entre os elementos que compunham o dossiê desenvolvido pelo instituto, as procissões e as manifestações culturais realizadas no âmbito da Festa de Nazaré (com ou

⁸ Realizado pela primeira vez em 1993 e atualmente organizado pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, o Auto do Círio possui “[...] elementos de escola-de-samba (bateria, samba-enredo, carros alegóricos, mestre-sala e porta-bandeira), caracterizando a carnavalização do cortejo. Este espetáculo manifesta a relação entre sagrado e profano presente durante todo o seu desenvolvimento, ou seja, começa como uma grande procissão que, posteriormente, transforma-se numa festa de carnaval. O cortejo teatral atrai um grande público, formado pelos moradores da Cidade Velha e de outros bairros” (Iphan, 2006, p. 57).

⁹ “O arrastão do boi pavulagem é um cortejo de cultura popular que agrega pessoas de todas as idades em torno da brincadeira do boi-bumbá, principal elemento cênico da atividade, e de outras manifestações culturais do estado, pelas ruas de Belém. Manifestação recentemente introduzida na programação cultural da festa (1999), o arrastão acontece sempre na véspera do Círio de Nazaré” (Iphan, 2006, p. 58).

sem vínculo oficial) foram incluídas no processo de tombamento, incluindo a Festa da Chiquita, posição criticada pela Igreja até hoje.¹⁰

Entre a rigidez e a espontaneidade, o Círio da criatividade

Uma manifestação religiosa com mais de 200 anos como o Círio de Nazaré, inevitavelmente, é envolvida por disputas e polêmicas. A tentativa de enquadrar a festa em determinado padrão é um dos episódios mais frequentes na sua história. Em iniciativas que partiram principalmente do clero, tentava-se moldar o Círio de uma maneira, um Círio “para ser visto”, quando, nas ruas, fluía um Círio independente, com toda a sua complexidade de elementos, sejam sagrados, sejam profanos.

A Festa da Chiquita, que assumiu o lugar de principal manifestação profana do Círio de Nazaré, conseguiu se firmar no calendário festivo de Belém, apesar de não ter vínculo oficial com a celebração religiosa. Michel Maffesoli (2009, p. 12) afirma que “toda a vida cotidiana pode ser considerada uma obra de arte”. A construção da cultura e civilização também seria possível a partir de práticas minúsculas e de situações do dia a dia. Acompanhando essa ideia, seria, então, a Festa da Chiquita uma obra de arte? O sim à questão pode ser embasado nos aspectos que Maffesoli apresenta ao refletir sobre a ética da estética na sociedade contemporânea.¹¹

Nas palavras de Maffesoli (2009, p. 13), estamos diante de um mundo envolvido por uma dinâmica criativa “renovada e pluralista”. Em meio a esse politeísmo de valores e de variados modos de vida, as expressões das emoções coletivas tornam-se protagonistas. Esse novo paradigma estético posiciona os indivíduos em uma totalidade mais diferenciada, marcada pela transição de uma lógica da identidade baseada no individualismo, para uma

¹⁰ Em junho de 2015, um projeto de lei aprovado pela Câmara Municipal de Belém, criado com o objetivo de tornar a festividade do Círio de Nazaré, teve parte do texto vetado pelo prefeito Zenaldo Coutinho (PSDB). O veto excluía a Festa da Chiquita como elemento do Círio de Nazaré. O texto que justifica o veto afirma que, além de não fazer parte da programação oficial, “[...] o fato de ser uma festa tradicional, e que ocorre às vésperas da maior procissão da cidade, não a faz elemento essencial do Círio” (Chiquita..., 2015).

¹¹ É possível acrescentar um trecho daquilo que Nestor García Canclini chama de “arte pós-autônoma”, ao se referir à relação da arte com diferentes campos: “[...] refiro-me ao processo das últimas décadas no qual aumentam os deslocamentos das práticas artísticas baseadas em *objetos* a práticas baseadas em *contextos* até chegar a *inserir as obras nos meios de comunicação, espaços urbanos, redes digitais e formas de participação social onde parece diluir-se a diferença estética*” (Canclini, 2012, p. 24, grifos do autor).

lógica da identificação vinculada ao coletivo. Esse convívio, diante das ações e vontades diferenciadas, pode gerar conflitos, o que não anula o equilíbrio dessas ações e vontades quando unidas (Maffesoli, 2009, p. 18-22).

A Festa da Chiquita, com sua capacidade de agregar várias pessoas em torno de um projeto de afirmação e resistência do movimento LGBT, realizada num período de intensificação das emoções entre aqueles que participam do Círio de Nazaré (sejam devotos, não devotos e/ou brincantes), é uma das grandes responsáveis por dar à festa religiosa o caráter de unicidade, que marca as sociedades complexas: unicidade registrada pelo Iphan, em detrimento da unidade buscada pela Igreja.

As sociedades mecânicas, das quais a modernidade é um bom exemplo, tendem a homogeneizar-se, tomando por fundamento um único valor ou um conjunto de valores diretamente operacionais. O mesmo não ocorre com as sociedades complexas que, por construção, são fragmentadas e nas quais ferve uma multiplicidade de valores totalmente heterogêneos entre eles mesmos. Eis o paradoxo: essas sociedades são evidentemente politeístas, embora uma atmosfera específica as caracterize e elas produzam um *espírito do tempo* particular. Em suma, sem ter *unidade*, possuem uma *unicidade* irrefutável (Maffesoli, 2009, p. 17, grifos do autor).

Levando em conta os conflitos em torno da Festa da Chiquita, merecem evidência as sucessivas tentativas de descaracterizar a manifestação, inclusive por parte do poder público. Setores conservadores interpretam a realização da festa no meio do percurso de uma das principais procissões do Círio de Nazaré como uma afronta, um desrespeito ao rito. Alguns devotos se recusam a caminhar ao lado de *drag queens*, travestis e transexuais – possivelmente, também devotas.

David Harvey (2014, p. 15) destaca que o direito à cidade “surge basicamente das ruas, dos bairros, como um grito de socorro e amparo de pessoas oprimidas em tempos de desespero”. Em 2015, quando a Prefeitura de Belém limitou o tempo de realização da Festa da Chiquita a até uma hora da manhã, os organizadores prolongaram o evento em uma casa noturna. A ocupação de novos espaços de socialização, que se transformam em novos espaços de ação política, é o que garante a sobrevivência da espontaneidade e da criatividade das manifestações, como fala Milton Santos (2008):

[...] No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (Santos, 2008, p. 322).

É em outubro, mais precisamente no segundo fim de semana do mês, que a cidade de Belém consegue sintetizar de maneira mais perceptível esse “teatro insubstituível das paixões humanas”. Num período dedicado às celebrações da padroeira, além de andores e oratórios montados nas casas e prédios, são nas ruas que as pessoas mais demonstram sua devoção e sua capacidade de reinventar os elementos sagrados da festa. No entanto, algumas vezes, mais isoladas, também despontam falando sobre idolatria, numa maneira de lembrar que o Círio de Nazaré também não é unanimidade na cidade.¹²

Santos (2008, p. 318) estabelece um vínculo com o princípio de coexistência da diversidade para compreender a relação espacial, sendo isso o que garante o exercício das múltiplas possibilidades de comunicação. A capital paraense também tem suas zonas luminosas e opacas, seguindo as definições do geógrafo, e em outubro a linha que as separa é bastante tênue. Os espaços da criatividade, comuns às zonas urbanas opacas, invadem os espaços de exatidão das zonas urbanas luminosas. A procissão da Trasladação segue todo seu ritual, com cânticos e orações conduzindo a imagem da santa, mas logo depois que a berlinda passa em frente ao Bar do Parque é a voz de Caetano Veloso com seu verso “Eu sou a filha da Chiquita Bacana” que começa a tocar. Esse é um dos modos de se construir a relação corpo e cidade, de se construir a ambiência do Círio de Nazaré:

[...] Naturalmente, a variedade e a riqueza estilística da existência contemporânea, como um todo, produzem uma experiência sensível da cidade

¹² Em contrapartida, desde 2013, um grupo de voluntários da Igreja Assembleia de Deus, que se localiza num dos trechos por onde passa a romaria, participa do Círio oferecendo cuidados aos romeiros da procissão. A própria sede da igreja serve como lugar de acolhida dos peregrinos.

e de sua vivência. A nossa relação com o espaço é baseada nessa característica sensível, que se concilia com o ambiente: uma espécie de modalidade de sentir e de perceber a cidade e seus espaços a partir da presença dos corpos dos indivíduos. Por outro lado, sabemos que entre a cidade e as pessoas há uma estrita relação de reciprocidade em que um influencia o outro nos modos de ser e de existir. De maneira geral, podemos constatar que um não pode existir sem o outro e que, se a cidade molda os indivíduos com a especificidade de seus espaços, os indivíduos, com suas produções estilísticas e vivências dentro e através do espaço conotam as características de uma cidade (La Rocca, 2015, p. 173).

Para os que possuem algum vínculo com a festa religiosa, a chegada do Círio de Nazaré é o momento mais importante do ano pelas celebrações e reencontros que proporciona.¹³ No e por meio do espaço, espalham-se as produções estilísticas de diferentes grupos com suas respectivas estéticas reinventando uma Belém festiva. O mosaico de fé é também um mosaico dessas experiências sensíveis que nos fala La Rocca (2015). Numa caminhada fora dos padrões, a produção estética e poética da Festa da Chiquita tende a desagradar setores conservadores, mas é impossível desconsiderar a capacidade que essa manifestação tem de potencializar muitas das sensações proporcionadas pelo Círio de Nazaré. Para Elói Iglesias, enquanto uns criticam e reprovam a Festa da Chiquita, a homenageada aprova:

[...] Uma santa que leva uma coroa enorme daquela, um manto todo rebordado daquele, por carnavalesco... Então, tu achas o que é isso? Na verdade, ela vai adorar. Até porque... até a própria santa, ela nem vai mais pro Círio. Quem vai, quem vai pro Círio são as *covers* [referência à imagem peregrina]. A gente já acha, inclusive, que a santa mesmo [referência à imagem original achada em 1700], ela deve ir escondida, disfarçada pra Festa da Chiquita, porque é onde estão as pessoas alegres, onde estão as pessoas que não fazem mal a ninguém (Iglesias *apud* As Filhas..., 2006).

A capital paraense é outra durante a sua principal festa. É a fusão entre o corpo e a organicidade da cidade, criando um novo imaginário urbano (La Rocca, 2015, p. 183). Belém se

¹³ Veloso e Pavan (2016, p. 630) consideram singular a relação dos devotos paraenses com a sua padroeira: “A aliança forjada historicamente entre os devotos e a padroeira permitiu desenvolver uma proximidade singular, por meio de linguagem própria, íntima, só perceptível entre os paraenses; é um tratamento que se coloca à margem da ritualística cultivada pelo chamado ‘catolicismo oficial’. ‘Naza’, como celebridade, é hoje figura central do espetáculo midiático, no Pará. Se a divindade mantém seus poderes – o que se depreende do número de promessas cumpridas a cada romaria –, ela também se apresenta humanizada por mecanismos de comunicação do afeto, e, nesta condição, parece cada vez mais próxima de seu povo”.

transforma no Círio. E, como parte do Círio, a Festa da Chiquita tem papel fundamental nessa reinvenção urbana.

Considerações finais

Quando alguns boêmios de Belém se reuniram em meados da década de 1970 para satirizar uma campanha de festa junina, colocando na rua um bloco carnavalesco, não se imaginava que o movimento era o embrião da Festa da Chiquita, hoje manifestação cultural profana mais polêmica do Círio de Nazaré, e que reúne aproximadamente 40 mil pessoas na noite que antecede a principal romaria. Nosso objetivo aqui foi refletir sobre a relação da Festa da Chiquita com a capital paraense, destacando sua capacidade de transformá-la e de produzir novas experiências sensíveis nesse período festivo que marca o mês de outubro.

Quando cerca de dois milhões de pessoas conduzem a imagem de Nossa Senhora de Nazaré em procissão, no segundo domingo de outubro, em meio à multidão, também estão os filhos e filhas da Chiquita, que algumas horas antes, na noite de sábado, prestigiavam as *performances* de *drag queens*, travestis e transexuais, na homenagem mais irreverente à padroeira. São mais de três décadas de resistência, passando por vários conflitos, na tentativa de manter o propósito da festa e indo de encontro aos setores conservadores que julgam a manifestação um desrespeito ao Círio. Mas o que seria o Círio de Nazaré sem a diversidade das pessoas que o fazem? Enganam-se os que acham que os lentos passos dos romeiros na grande procissão são diferentes dos passos dos artistas do Auto do Círio ou dos brincantes do Arrastão do Círio. São estéticas diferentes do padrão estabelecido no rito religioso. E a proposta desses grupos, que de maneira não oficial se firmaram no calendário festivo da cidade, é apresentar sua própria estética, sem a necessidade de qualquer chancela eclesiástica.

A irreverência e o deboche que marcam a Festa da Chiquita produzem uma poética ainda mais difícil de ser aceita por determinados setores porque é tida como marginal. Lembremos que a Belém do Círio de Nazaré é uma cidade totalmente transformada e não se pode desconsiderar a importância da festa nessa reinvenção urbana. Para os devotos-brincantes da Festa da Chiquita, o manto de Nossa Senhora de Nazaré, santa aclamada por tantos, parece ser grande o suficiente para acolhê-los.

Referências bibliográficas

ALVES, Isidoro. *O carnaval devoto: um estudo sobre a Festa de Nazaré, em Belém*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

ALVES, Regina. *Círio de Nazaré: Da taba marajoara à aldeia global*. 2002. 212 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado Interinstitucional em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal do Pará e Universidade Federal da Bahia, 2002.

AS FILHAS da Chiquita. Dir. *Priscilla Brasil*. Documentário, 52 min., cor, Brasil, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2013.

CANCLINI, Néstor García. *A Sociedade sem Relato: Antropologia e Estética da iminência*. São Paulo: EDUSP, 2012.

CASTRO, Fábio Fonseca de. *A cidade sebastiana: Era da borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade*. Belém: Edições do Autor, 2010.

CHIQUITA é barrada na Festa do Círio. *Diário do Pará*, Belém, 28 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.diarioonline.com.br/entretenimento/cultura/noticia-335325-chiquita-e-barrada-na-festa-do-cirio.html>> Acesso em: 2 set. 2017.

FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula. *Em Belém, o vai e vem da fé: jornais, memória e Círio de Nazaré*. 2013. 102 p. Trabalho de conclusão de curso (Comunicação Social – Jornalismo) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

FIGUEIREDO, Silvio Lima. Círio de Nazaré, festa e paixão. In: FIGUEIREDO, Silvio Lima (Org.). *Círio de Nazaré: festa e paixão*. Belém: EDUFPA, 2005, p. 19-39.

HARVEY, David. *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

IPHAN [Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional]. *Círio de Nazaré: Dossiê I*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006.

JURANDIR, Dalcídio. *Belém do Grão-Pará*. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004.

LA ROCCA, Fabio. A encenação do corpo e suas formas expressivas na cidade. In: SIQUEIRA, Denise (Org.). *A construção social das emoções: corpo e produção de sentidos na comunicação*. Porto Alegre: Sulinas, 2015, p. 173-185.

MARANHÃO, Haroldo. *Rio de raivas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

MAFFESOLI, Michel. *Os mistérios da conjunção: ensaios sobre comunicação e socialidade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. *O homem que achou a Santa: Plácido José de Souza e a devoção à Virgem de Nazaré*. Belém: Alves Gráfica e Editora, 2009.

RIBEIRO, Milton. “Eu sou a filha da Chiquita Bacana...”: notas antropológicas sobre a Festa da Chiquita em Belém do Pará. *Gênero na Amazônia*, Belém, v. 6, p. 183-212, jul.-dez., 2014. Disponível em: <http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao-6/artigos/9_Eu_Sou_a_Filha_da_Chiquita.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2016.

ROCQUE, Carlos. *História do Círio e da Festa de Nazaré*. Belém: Mitograph, 1981.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2000.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: EDUSP, 2008.

VELOSO, Caetano. A Filha da Chiquita Bacana. In: VELOSO, Caetano. *Muitos Carnavais*. Rio de Janeiro: PolyGram/Philips, 1989. 1 CD. Faixa 3.

VELOSO, Maria do Socorro F.; PAVAN, M. A. De Senhora de Nazaré a Nazinha: singularidades na expressão do afeto à padroeira do Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 11, p. 621-631, set.-dez., 2016.

VIEIRA, Flávia; SOBRAL, Gabriela. Direito à cidade em tempos de gourmetização: o caso do Bar do Parque em Belém do Pará. *Carta Capital*, 12 out. 2017. Disponível em: <<http://www.justificando.com/2017/10/12/direito-cidade-em-tempos-de-gourmetizacao-o-caso-do-bar-do-parque-em-belem-do-para/>>. Acesso em: 4 jun. 2018.